

I

Alguns dos *caddies*¹ eram pobres como Job e viviam em casas de uma só divisão com uma vaca neurasténica no pátio da frente; todavia, o pai de Dexter Green era proprietário da segunda melhor mercearia de Black Bear — a melhor era The Hub, que tinha como clientes as pessoas ricas de Sherry Island — e Dexter fazia de *caddy* somente para conseguir dinheiro para os seus gastos.

No Outono, quando os dias se tornavam crespos e cinzentos e o longo Inverno de Minnesota tombava como a tampa branca de uma caixa, os esquis de Dexter deslizavam sobre a neve que ocultava os *fairways*² do campo de golfe. Nestas ocasiões, o campo comunicava-lhe um sentimento de profunda melancolia — entristecia-o ver os *links* transformados num pousio estéril infestado de pardais durante a longa estação. Deprimia-o também verificar que nas elevações onde as cores pareciam fremir no Verão se encontravam agora somente as desoladas caixas de areia recobertas por uma crosta de gelo. Quando atravessava as colinas, o vento, frio como a miséria, fustigava-o, e, se o sol brilhava, ele vagueava com os olhos semicerrados de viés, para os proteger da luminosidade ofuscante.

Em Abril, o Inverno cessava abruptamente. A neve descia sobre Black Bear Lake e não tardava que os primeiros jogadores de golfe desafiassem a estação com as suas bolas pretas e encarnadas. Sem orgulho, sem um intervalo de húmida glória, o frio dissipava-se.

Dexter sabia que havia algo de lúgubre nesta Primavera do Norte, como sabia que existia algo de esplêndido no Outono. O Outono fazia-o fechar as mãos, tremer e repetir frases idiotas para si mesmo, e dar ordens de comando vivas e abruptas a auditórios e exércitos imaginários. Outubro enchia-o de esperança, que Novembro elevava até lhe transmitir uma sensação de extático triunfo; e, sob este humor, as impressões efémeras e cintilantes do Verão de Sherry Island eram doce bálsamo para a

sua melancolia. Tornou-se campeão de golfe e venceu o Sr. T. A. Hedrick num prélio maravilhoso jogado um cento de vezes nos *fairways* da sua imaginação, um jogo cujos pormenores variava incansavelmente — algumas vezes vencia com uma facilidade quase risível, outras recuperava magnificamente após um grande atraso. Em certos momentos, via-se sair de um automóvel *Pierce-Arrow*, como o do Sr. Mortimer Jones, e entrar, friorento, na sala de estar do Clube de Golfe de Sherry Island — ou, talvez rodeado por uma multidão de admiradores, fazer uma exibição de saltos acrobáticos da prancha da jangada do clube... Entre os que o observavam estupefactos, de boca aberta, encontrava-se o Sr. Mortimer Jones.

E certo dia aconteceu que o Sr. Jones — em pessoa e não o seu espírito — se aproximou de Dexter com lágrimas nos olhos e declarou que o jovem era... o melhor *caddy* do clube; não abandonaria ele a sua decisão de deixar o clube caso o recompensasse devidamente, pois todos os outros *caddies* perdiam... regularmente... uma bola por buraco... quando jogava...?

— Não, senhor — voltou Dexter com decisão —, não quero continuar mais como *caddy*. — E após uma pausa: — Sou já demasiado crescido.

— Mas não tens mais de catorze anos. Por que diabo resolveste, precisamente esta manhã, deixar o clube? Prometeste que na próxima semana me acompanharias ao torneio do Estado.

— Compreendi que era demasiado crescido.

Dexter entregou a sua chapa da «Classe A», recebeu do chefe dos *caddies* o dinheiro que lhe era devido, e dirigiu-se para casa, em Black Bear Village.

— O melhor... *caddy* que já encontrei — exclamou o Sr. Mortimer a meio de uma bebida, naquela tarde. — Nunca perdeu uma bola! Solícito! Inteligente! Calmo! Honesto! Grato!

A jovem que dera origem a esta decisão tinha onze anos — possuía aquela beleza desgraciosa das garotas que estão destinadas alguns anos depois a ser inexpressivamente encantadoras e a causar infundáveis males de amor a grande número de homens. A centelha, porém, era perceptível. Notava-se uma indiferença impiedosa na maneira como fazia descair os cantos dos lábios quando sorria, e na — Deus nos ajude! — quase apaixonada expressão dos seus olhos. A vitalidade amanhece em tais mulheres. E era bem evidente agora, exibida pela delicada estrutura do seu corpo, uma espécie de vivo calor.

Às nove horas, ela chegara impaciente ao campo de golfe, com cinco pequenas clavas novas num saco de lona branca que a ama transportava.

Quando Dexter a viu pela primeira vez, ela encontrava-se junto da casa dos *caddies*, com bastante pouco à-vontade, e tentava dissimular o facto envolvendo a ama numa conversa obviamente forçada, recortada pelas suas caretas nervosas e irrelevantes.

— Bem, está na verdade um dia bonito, Hilda — ouviu-a dizer o jovem. Ela fez descair os cantos dos lábios, sorriu e lançou um olhar furtivo em redor, detendo por um instante os seus olhos em Dexter. Depois, acrescentou: — Bem, não se vê por aqui muita gente esta manhã, não achas?

De novo, o sorriso radioso, extremamente artificial... convincente.

— Não sei o que poderemos fazer agora — disse a ama, sem fixar os olhos em qualquer ponto, em especial.

— Oh, não tem importância. Verei o que se pode fazer.

Dexter conservava-se completamente imóvel, a boca um pouco aberta. Sabia que, se desse um passo em frente, o seu olhar fascinado seria notado por ela — se recuasse uns centímetros perderia a perspectiva insinuante do rosto da jovem. Durante um momento, não se apercebera de que ela era muito nova. Agora, porém, recordava-se de a ter visto várias vezes no ano anterior... com vestuário de criança.

De súbito, e involuntariamente, ele soltou uma risada, breve e abrupta; depois, sobressaltado pela sua atitude, voltou-se e começou a afastar-se rapidamente.

— Rapaz!

Dexter deteve-se.

— Rapaz...

Não havia dúvida de que se dirigiam a ele. E o que era mais, compreendia que incidia sobre ele aquele sorriso absurdo, invulgar, cuja recordação pelo menos uma dezena de homens guardaria até à meia-idade.

— Rapaz, sabes onde se encontra o professor de golfe?

— Está a dar uma lição.

— Bem, sabes onde se encontra o chefe dos *caddies*?

— Ainda não chegou esta manhã.

— Oh!

Por um momento, estas respostas confundiram-na e frustraram-na. Ela apoiava-se alternadamente no pé direito e no esquerdo.

— Gostaríamos de arranjar um *caddy* — disse a ama. — A Sr.^a Mortimer Jones faz-nos sair a fim de jogarmos golfe; porém, não sabemos como será possível se não tivermos um *caddy*.

Aqui, deteve-a um olhar ominoso da menina Jones, seguido imediatamente pelo sorriso.

— Sou o único *caddy* disponível — disse Dexter à ama —, mas tenho de ficar a velar pelo clube até que chegue o chefe dos *caddies*.

— Oh.

Após isto, a menina Jones e a sua acompanhante retiraram-se e, a uma distância conveniente de Dexter, envolveram-se numa calorosa discussão que a menina Jones concluiu pegando numa das suas clavas e lançando um golpe violento no solo. Para dar maior ênfase ao seu gesto, ela levantou de novo a clava, pronta a abatê-la sem reбуço sobre o peito da ama quando esta a arrebatou das suas mãos.

— Tu, velha desprezível! — gritou a menina Jones, furiosa.

Seguiu-se outra discussão. Compreendendo que todos os elementos de uma comédia estavam lançados em cena, Dexter começou várias vezes a rir, mas de cada vez sufocou o riso antes que este se tornasse audível. Não podia resistir à sua inabalável convicção de que era justificada a tentativa de agressão que a garota esboçara contra a ama.

A situação foi resolvida pela chegada fortuita do chefe dos *caddies*, imediatamente solicitado pela ama.

— A menina Jones deseja que um pequeno *caddy* a acompanhe, e este afirma que o não pode fazer.

— O Sr. McKenna disse-me que devia esperar aqui até que o senhor chegasse — declarou prontamente Dexter.

— Bem, ele já se encontra cá.

A menina Jones lançou um sorriso de contentamento ao chefe dos *caddies*. Depois, deixou tombar o saco e começou a caminhar num passo ondulante e desdenhoso em direcção da primeira elevação.

— Bem?! — O chefe dos *caddies* voltou-se para Dexter. — Que estás aí a fazer de pé como um espantalho? Vá, pega nas clavas desta menina.

— Creio que não sairei hoje —olveu Dexter.

— Tu não...

— Tenciono deixar imediatamente o clube.

A enormidade desta decisão amedrontou-o. Ele era o *caddy* mais apreciado e os trinta dólares que ganhava por mês durante o Verão não os conseguiria em parte alguma nas redondezas do lago. Contudo, sofrera um forte abalo emocional e a sua perturbação requeria um escape imediato e violento.

Todavia, não parecia coisa simples. Como devia suceder muitas vezes no futuro, Dexter era inconscientemente orientado pelos seus sonhos de Inverno.

II

Agora, decerto, a natureza e a fragrância destes sonhos de Inverno variavam, mas a sua essência permanecia. Eles persuadiram Dexter, alguns anos mais tarde, a tirar um curso de comércio na universidade do Estado — o pai, que prosperava agora, pagaria as despesas — já que os seus fundos escassos não lhe permitiriam frequentar uma universidade mais antiga e mais famosa no Este. Porém, já que os seus sonhos de Inverno possuíam na sua natureza essencial uma atracção pelos ricos, não se pense que o jovem exibia alguma característica snobe. Ele não desejava ganhar os favores das pessoas de bom-tom e ricas, nem queria, tão-pouco, ser bafejado pelos fulgores das coisas cintilantes — desejava possuir as próprias coisas cintilantes. Frequentes vezes entretecia fantasias em que anelava pelas melhores coisas, sem saber porque as desejava, e por vezes fazia, imprevistamente, face às recusas e proibições que a vida observa. E é de uma destas recusas e não da sua carreira como um todo que trata esta história.

Fez fortuna. E de maneira bastante surpreendente. Depois de deixar a universidade, foi para a cidade da qual procedem os melhores clientes de Black Bear Lake. Quando completou vinte e três anos — vivia ali há quase dois anos — muitas pessoas gostavam de dizer: «Sim, eis um rapaz às direitas.» À sua volta, filhos de homens ricos ocupavam-se, em condições precárias, com a venda de acções ou títulos que possuíam, investiam sem tino os seus capitais ou debatiam-se arduamente com duas dezenas de volumes do «Curso Comercial George Washington». Porém, Dexter pedira mil dólares emprestados, apresentando como única garantia o seu diploma universitário e a sua honestidade, e adquiriu interesses numa lavandaria.

A lavandaria era um pequeno estabelecimento quando lá entrou. Todavia, Dexter caprichou em aprender como os ingleses lavavam as fi-